

Confiança e medo na cidade, Lisboa, Relógio D`Água, 2005, 92 páginas

Teresa Sá

Confiança e medo na cidade, de Zygmunt Bauman, editado em Inglaterra no mesmo ano da edição portuguesa - Relógio D`Água, tradução de Miguel Serras Pereira, 2005 -, contém três ensaios escritos entre 2003 e 2005: Confiança e medo na cidade; Em busca de refúgio na Caixa de Pandora; Viver com estranhos.

Ao longo dos três ensaios, Bauman procura mostrar quais as causas do crescimento do medo na vida urbana, que soluções estão a ser adoptadas e quais se deveriam adoptar. Estamos face a uma sociologia politicamente comprometida em que está em causa não só compreender a realidade, mas também transformá-la. O sociólogo enquanto observador da cidade, embora não aja directamente sobre ela, aproxima-se do urbanista e do arquitecto enquanto actores dessa transformação.

Neste livro Zygmunt Bauman analisa um conjunto de temas que percorrem toda a sua obra, e que reflectem bem o seu pensamento sobre a sociedade contemporânea, ou, como lhe chama, a *modernidade líquida*, associada às Novas Tecnologias de Informação, ao desmoronar do Estado Providência, ao surgimento da nova organização do trabalho flexível e da sociedade de consumo. Esta nova sociedade que se vai construindo “produz” um novo espaço – a cidade globalizada, onde o medo de viver o espaço público, o medo de viver na cidade, se transforma num problema social e político.

Mas como explicar esse novo medo na cidade, numa sociedade que nunca foi tão segura? “[V]ivemos, sem dúvida – pelo menos nos países desenvolvidos –, nalgumas das sociedades mais seguras [sûres] que jamais existiram.” (Robert Castel, in. Bauman, p.9).

Bauman dá-nos duas razões para este fenómeno. A primeira resulta do “reflexo” da economia global no espaço urbano. Segundo o autor, na sociedade globalizada as cidades “convertem-se no depósito de lixo de problemas de origem mundial” (p.28). Trata-se do «lixo» ambiental: poluição da água, poluição do ar, resíduos sólidos; e do «lixo» social: migrantes, imigrantes, refugiados, indivíduos «supérfluos» ou «inúteis» (desempregados de longa duração sem lugar na economia); a segunda resulta das consequências da economia global na organização social. Bauman refere três aspectos que explicam os actuais

medos: a incerteza em relação ao futuro, a vulnerabilidade da posição social e a insegurança da existência (p.37-38). Ou seja, a causa principal deste medo da cidade advém de uma certa insegurança social, contra a qual é mais difícil lutar.

As cidades foram sempre lugares cheios de desconhecidos que convivem em estreita proximidade (p.33 e p.66), lugares onde o mistério, a aventura e o perigo, estão presentes. Lugares que nos atraem e nos repelem. A cidade provoca simultaneamente, segundo Bauman, dois movimentos contrários, duas emoções opostas: a *mixofobia* (o receio de se estar em co-presença física com desconhecidos), e a *mixofilia* (a obtenção de prazer através da experiência de convivência com estranhos).

A tendência na cidade globalizada vai no sentido de reforçar a mixofobia: “A atracção exercida pela comunidade de semelhantes é a de uma apólice de seguros contra os múltiplos perigos acarretados pela vida de todos os dias num mundo multilingue” (p.41).

É assim que a nova economia globalizada cria um novo espaço urbano cada vez mais segregado. S. Paulo, a maior conurbação do Brasil, aparece como um exemplo de uma cidade de muralhas. Bauman refere-se a uma “arquitectura do medo”, cuja palavra-chave é a segurança. Nos três ensaios, o autor apresenta uma série de exemplos que mostram a importância crescente desta forma de arquitectura, tornada cada vez mais fácil com as Novas Tecnologias de Informação.

Os condomínios residenciais fechados – a que Bauman chama - o *gueto voluntário* - têm aumentado muito nos últimos anos. Nos Estados Unidos são mais de 20.000, e os seus habitantes ultrapassam os 8 milhões de pessoas. Trata-se de espaços urbanos “nos quais não se pode entrar a não ser por convite expresso, que dispõem de vigilantes armados durante 24 horas por dia e de circuitos de televisão fechados, são o reflexo invertido como num espelho dos ghettos involuntários para onde foram empurrados os desclassificados, os refractários e os imigrantes recentes.” (p.81). Erguem-se fronteiras físicas na cidade, que separam os espaços habitacionais em função das diferentes classes sociais, raças e culturas. Mas é no Espaço Público que esta «arquitectura do medo» é mais visível. Aí o objectivo principal é fazer com que as pessoas não parem, não per-

maneçam nos locais, não estabeleçam qualquer tipo de interação umas com as outras. Bauman recorre aos arquitectos Steven Flusty e Nan Ellin para dar alguns exemplos: nos parques de Los Angeles, os bancos em forma de barril, «à prova de vagabundos» dotados de «aspersores»; na gare central de Copenhaga foram retirados todos os bancos para as pessoas não se sentarem. Para além desta arquitectura do medo, as populações também se organizam criando organismos de vigilância no espaço público. Em Inglaterra existem os “vigilantes de bairro” que estão de serviço várias horas por dia, controlando as ruas, vigiando os estrangeiros, os estranhos (imigrantes, desempregados, «desclassificados» (p.74).

É exactamente esta arquitectura do medo que Bauman critica defendendo que é necessário aprender a viver com os desconhecidos. Se não enfrentarmos esse risco, tornar-nos-emos cada vez mais vítimas de uma sociedade que nos arrasta, “(...) O risco não pode existir sem um certo temor de sofrer danos ou derrotas, mas, do mesmo modo, não há também sem risco qualquer possibilidade de ganho ou de vitória.” (p.66)

A principal questão que coloca aos arquitectos e urbanistas é a de saber como é possível eliminar o medo e a insegurança sem criar o tédio. A cidade sempre foi um espaço de liberdade, surpresa, aventura, ao transformá-la num espaço em que o objectivo principal é a «segurança», perde-se a cidade: “O que se substitui à insegurança não é o êxtase da calma mas a maldição do tédio. Será possível eliminar o medo suprimindo igualmente o tédio?” (p.65).

Ao longo dos três ensaios, Bauman reflecte sobre as consequências da globalização económica na vida urbana defendendo uma posição aparentemente contraditória. Reconhece por um lado que não é possível responder localmente a questões globais, mas por outro, defende que “O caminho que deveríamos seguir, agrade-nos ou não, terá de começar pela casa e pela cidade de cada um de nós, agora mesmo.” (p.87). Ao definir a cidade não só como depósito de resíduos da globalização mas também como um “campo de batalha” e um “laboratório”, dá aos seus habitantes o poder e a possibilidade, de lutar individualmente contra essa globalização, e de experimentar novas formas de vida urbana, que destruam um caminho que parece já definitivamente traçado. Parece haver no pensamento de Bauman uma desconfiança profunda perante as instituições existentes, mas ao mesmo tempo ainda uma esperança na condição humana: “As cidades contemporâneas são os campos de batalha sobre os quais convergem, por um lado, os poderes mundiais, e, por outro,

as razões de ser obstinadas de cada um dos seus habitantes, “ (p.31).

Teresa Sá (CIAUD, FAUL).

SPRA
VIVIDOS .